

HOJE

## —“O povo precisa rir. Quem é que não precisa?”

(Chico)



Chico Anísio está em Porto Alegre. De hoje a 30 de abril, ele que é considerado um dos maiores humoristas brasileiros se apresenta no Salão de atos da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Chico Anísio cumpriu um extenso roteiro pelo Brasil, apresentando-se em Salvador, Aracaju, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Ontem ele esteve em Novo Hamburgo, com Um show no Grêmio Atradores.

- Chico Anísio hoje em Porto Alegre
- O humor de Chico para os gaúchos rirem
- As risadas com Chico hoje na UFRGS
- Porto Alegre vê Chico Anísio ao vivo

Chico Anísio. Uma legenda na história do humorismo brasileiro, de um sem número de personagens famosos, de anos e anos na televisão com a tarefa de fazer rir os milhões de telespectadores que, diante da televisão, já se acostumaram a ver nele um amigo, quase um membro da família. Chico Anísio. Um contador de histórias, de raízes nordestinas, cuja matéria-prima para a criação que todos conhecem é a realidade do homem brasileiro.

Um artista que diz fazer graça 24 horas por dia, embora quando converse prefira um bom papo a uma piada. Encabulado, tímido, introspectivo, um homem que faz shows, compõe e escreve, apesar de seus livros nem sempre serem bem recebidos pela crítica (em compensação, só não vendem mais do que os de Jorge Amado e Frico Veríssimo). Cearense de Maranguape, se não fosse o que é teria sido jogador de futebol. Aplaudido pelo Brasil afora, hoje vive absorvido por um esquema de vida e de trabalho que lhe permite dormir somente cinco horas por dia, num corre-corre entre o estúdio, o teatro, os livros, os discos e o turfe (pelo qual se interessou há poucos anos, fazendo-o adquirir alguns cavalos de corrida), intercalados por momentos de lazer.

O homem das mil faces, como é chamado por muitos, Chico começou como galã de novela, em 1947, na Rádio Guanabara, trabalhando em Um Grito Dentro do Túnel e Uma Mulher Canta Baixinho, onde fazia várias vozes. Não gosta muito de falar de seus personagens. Acha todos perfeitos, sabe analisá-los, mas quando falam em fantasia, reage: “Eu trabalho com a realidade. Uso a fantasia somente para realçar a realidade. Meus tipos não são fantásticos, mas realistas. Nunca faria um personagem que pudesse viver sem mim. Não digo esse pijama é meu. Esse pijama é do Pantaleão”. Sua capacidade para criar em cima do já criado é surpreendente, simples e sem maiores requintes. Observa primeiro a personalidade que vai gerar o personagem. Com o tipo na cabeça, procura a voz, depois o rosto e, finalmente, a roupa de seu novo “filho”. Fim do esse trabalho inicial, sua preocupação é colocar no novo personagem particularidades, como tiques e trejeitos, que nenhum de seus “irmãos” deve possuir. O objetivo é tornar o personagem independente. — A independência de um “filho” é vital para mim. Sem ela, não existiria o personagem, mas apenas Chico Anísio. E eu nunca criei qualquer tipo parecido comigo. Por um motivo muito simples: não sei representar na vida real.

Na vida real, Francisco Anísio é uma pessoa muito simples, inteiramente acessível a todos que trabalham com ele. No estúdio onde Chico City é gravado, sua chegada é saudada com “ois” entusiasmados. Porque ele sempre chega brincando com um e com outro. Durante a gravação de um quadro, diante da facilidade do humorista em modular a voz, mudar a postura do corpo e controlar os músculos da face, que ganha novas características — muitas vezes, sem a ajuda da maquiagem — é comum técnicos, câmeras, repórteres, fotógrafos e produtor rirem a valer.

Chico Anísio não depende de caracterização para se transformar. Ao criar um personagem — ele já declarou isso diversas vezes — não se detém apenas no modo como vai pensar ou agir diante das circunstâncias que surgirão, mas o imagina como um todo, com tipo físico, cabelo, voz e jeitos especiais. Muitas vezes demora para encontrar a composição exterior do personagem, experimentando bigodes, perucas, cavanhaques, um sem número de adereços, que tem o trabalho de pesquisar em viagens que faz ao exterior. Uma vez encontrada a composição certa, todos os outros componentes fluem naturalmente.

Por ser responsável pela redação final de seus textos, não segue a risco o script criado pela equipe de nove redatores do seu programa na televisão. Acrescenta cacos, cria bordões e faz piada até mesmo com algum amigo que acompanha casualmente a gravação. Tudo isso dificulta a possibilidade de ir mais além numa análise sobre seus personagens.

— Não dá. Seria elogio em boca própria. Não dá tempo, não consigo alcançar, e nem tanto, um distanciamento do meu trabalho, de modo a vê-lo de uma maneira realmente crítica. Acho tudo que faço maravilhoso. Não sei se é narcisismo, não perco meu tempo me preocupando com isso. Nem teria tempo, é tudo feito num corre-corre danado que nem dá para o Chico Anísio se intrometer. Para analisar meu trabalho, meus personagens, só um cara acostumado a vê-lo. Para uma boa parcela dos críticos, a principal característica de Chico é ter criado uma linguagem puramente televisiva para seus programas.

Consideram-no o único humorista brasileiro a ter essa linguagem, consequência de ter acompanhado o desenvolvimento técnico da televisão. A cada recurso novo que o veículo apresenta, ele adapta seu programa. Por exemplo: logo que o vídeo-tape chegou ao Brasil, Chico utilizou de imediato as trucagens que a nova técnica permitia. Foi o primeiro a aparecer no vídeo conversando consigo próprio. Quando surgiu a possibilidade de editar, passou também a editar seus espetáculos de televisão.

O domínio da linguagem televisiva é imprescindível. Ninguém como Chico Anísio, entre os humoristas, faz isso tão plenamente. Há exceções, como Costinha. Basta ele colocar a cara no vídeo para que todos comecem a rir, sem qualquer critério cultural, científico ou intelectual. Mas dura poucos minutos. Durante Chico City, no entanto, o telespectador ri quase todo o tempo. Chico consegue isso porque atingiu a plenitude da linguagem televisiva. E em cima dela jogou seu grande talento, sua extraordinária capacidade de fazer graça. Além de tudo, é um grande ator. É difícil perceber isso, porque o público recebe a um só tempo o Chico ator e o Chico autor. Mas embora sua expressão corporal deixe muito a desejar, tem uma expressão facial multifórmica, versátil ao extremo e incansável. E uma voz bonita, bem colocada, resquício de sua experiência no rádio.

Outra importante característica de Chico Anísio: ele faz um tipo de humor “sociológico”. Há humoristas, como Jô Soares, que fazem tipos psicológicos, embora em alguns casos tentem a captação da realidade. No caso de Chico, a psicologia também está presente, mas de outra forma: em seu enfoque social, os dados psicológicos aparecem ligados àquela realidade. O forte do humor são os tipos, todo mundo sabe disso. E estes sempre existiram em determinadas situações sociais. Dentro desse enfoque sociológico, a tipologia de Chico está quase sempre voltada para duas linhas: a nordestina e a carioca urbana. Tipos caricaturados, mas que vivem dentro de uma situação objetiva. As vezes, ele é Coalhada, o jogador frustrado; ou Azambuja, aquele cara que chega na hora da fossa. Outras vezes, chega como o astuto Coronel Limeiro, ou Lingote, que está na onda da giQuem-Quem, o garçom humano; o motorista de táxi Teteu; o místico Divino, retrato da superstição e credence; o paciente professor Raimundo; o malandro Zé do Tamborim; o mentiroso Pantaleão; Lorde Black ou Gamação, o milionário Tadinho; ou ainda o azarado Nico Bondade, entre outros.

Foram necessários muitos anos para que o mais bem pago humorista do Brasil descobrisse essa fórmula de agradar o público. Mas o sucesso chegou, confirmado

pelos pontinhos de Ibope que o programa Chico City alcança, pela audiência de suas apresentações semanais no Fantástico, ou pela aceitação de seus livros, que sempre se transformam em best-sellers ao serem lançados. Seus discos vendem até na Europa, e seus shows quase sempre lotam os principais teatros brasileiros.

Todo esse back-ground, principalmente com o humorismo na televisão, lhe permite analisar, discutir e apontar algumas falhas daquele que é o veículo de maior penetração, porque atinge o maior número de pessoas.

— É preciso aumentar o número de shows. Assim poderiam ser criados novos atores de comédia e novos autores. Não sei, existem atores que poderiam ser excelentes comediantes e só não o são exclusivamente porque não querem. E o caso de Fúlvio Stefanini, do Ney Latorraca e do Paulo José, que fariam muito mais sucesso como comediantes do que como galãs. Marco Nanini é outro que, sem erro, seria um excelente humorista. Sei lá, acho que Dias Gomes poderia ser um excelente redator de humor. Braúlio Pedrosa também.

É preciso para isso haver isenção de vaidade. Se eu escrevesse um teleteatro, por exemplo, ficaria orgulhoso se o Braúlio ou o Dias mexessem no meu texto. Assim também eles deveriam se orgulhar se o Max Nunes ou o Haroldo Barbosa mexessem em seus textos.

Chico acha que existe muito preconceito contra a criação no humor. Ele não sabe de quem parte esse preconceito, mas se revolta: “Tem que acabar com esse negócio de ator de novela e ator da linha de show. Ator é ator e acabou. Seria ótimo se os atores de novela pudessem de vez em quando fazer humor. Eles só iriam ganhar com isso. Não sei, tem gente achando que assim seria desprestigiada e depois não poderia mais ser utilizada como galã. Besteira...”

Chico não acha difícil fazer graça, e se tivesse que dar conselho a alguém que está começando, diria para copiar exatamente a vida. Diria também que respeitasse primeiro a si próprio, pois esse é o único modo de conseguir o respeito do público.

— É preciso também muita humildade, dignidade e sinceridade, e que se acredite no script, pois se não for assim não se conseguirá fazer nada direito. E, principalmente nunca achar graça do que se estiver fazendo. Quem faz a piada não pode rir de si próprio, mas sim da piada dos outros, sem maldade, com carinho. Com o mesmo carinho que deve ter pelos personagens que interpreta, pelo mesmo carinho com que trata o humor, tão maltratado, diminuído e menosprezado, e que se não se abrir os olhos, morrerá antes até do que se espera.

Chico afirma que o povo precisa rir: “Quem é que não precisa?”. Mas se preocupa: “Até quando o povo terá quem o faça rir, em meio aos seus problemas, se cada dia mais gente desiste de fazer humor?”

— A Dercy Gonçalves, primeira dama da comédia, figura importante no teatro brasileiro, tanto que criou tipo de teatro, está quase desistindo. O Oscarito morreu, qualquer dia a Dercy para, o Grande Otelo também, o Walter D'Ávila já não quer mais, e tudo isso é um grilo.

Um tremendo grilo. De quem meus netos vão rir? Se não forem dadas oportunidades aos novos, se não lhes ensinarem que o humorismo é a arte do óbvio, do lugar comum, e que sendo muito simples de fazer não requer muitas asas à imaginação. Morro de medo e preocupação quanto à possibilidade de o humor chegar ao fim, se não se encontrar urgentemente quem esteja disposto a fazê-lo. (Pesquisa Z. H.)